

Insurgência terrorista na Província nortenha de Cabo Delgado em Moçambique: uma guerra híbrida?

Levi Salomão Matsinhe¹

Resumo

Com vista a discutir o terrorismo que assola a Província de Cabo Delgado localizada no extremo norte de Moçambique à luz da teoria das “guerras híbridas”, importa afirmar que apesar da inexistência de acordo sobre a definição de desse conceito entre os estudiosos que deriva em parte, do fato de atuarem numa área cinzenta entre a *hard* e o *soft power*, mesclando, do ponto de vista tático e estratégico elementos de guerra convencional e não convencional – o uso da internet e outros meios ao dispor das TIC (Tecnologias de Informação e comunicação) leva-nos a concluir se tratar de uma guerra-híbrida. E, pelas características, recurso ao terrorismo, uso da internet – redes sociais e relatos da imprensa, em um contexto geopolítico, geoestratégico e geoeconômico bem localiza, com conexões internacionais sem rosto devidamente identificado, podemos afirmar que Moçambique está sendo vítima de um conflito terrorista no contexto das guerras híbridas.

Palavras chave: terrorismo, guerras híbridas, Cabo Delgado

Abstract

Aiming to discussing the terrorism in Cabo Delgado Province located in Mozambique north extreme in light of the theory of hybrid wars, we assume that despite the existence of disagreement on the definition of hybrid wars among scholars that derives in part from the fact that they operate in a gray area between hard and soft power, mixing, from a tactical and strategic point of view, elements of conventional and unconventional warfare – the use of the internet and other means available to ICT leads us to conclude that it is a hybrid war. And, due to the characteristics, resort to terrorism, use of the internet – social networks and press reports, in a well-located geopolitical, geostrategic and geoeconomics context, with international connections without a properly identified face, we

¹ Mestrado em Relações Internacionais pela Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Brasil (2011)
Pesquisa e Desenvolvimento da Escola Superior de Jornalismo, Moçambique

can say that Mozambique is being victimized by a terrorist conflict in the context of hybrid wars.

Keywords: Cabo Delgado, Terrorism, hybrid wars

Introdução:

O Presente artigo tem em vista discutir o terrorismo que assola a Província de Cabo Delgado localizada no extremo norte de Moçambique à luz da teoria das guerras híbridas. A aparição das primeiras manifestações reais de ataques terroristas teve início no mês de outubro de 2017, com o registo dos primeiros ataques nos distritos de Macomia, Mocimboa da Praia e Palma.

Para além de semear terror entre as populações indefesas, este conflito tem vindo a aumentar a já endêmica pobreza acrescida pelo desterro das populações de suas zonas de origem onde trabalhavam a terra e pescavam para o seu auto sustento, para outras zonas de acolhimento tidas como relativamente seguras. Este fenómeno impõe um flagelo humanitário com graves e irreparáveis consequências sociais, econômicas, militares e políticas gerando insegurança com maior incidência em mulheres e crianças.

Em guerras híbridas, o recurso a atos terroristas, a emissão de mensagens propagandísticas visando mobilizar, radicalizar e atrair a juventude exacerbam as fragilidades sociais, políticas e econômicas para justificar a necessidade da insurgência como meio de tomada de atitude, por parte dos jovens, objetivando alterar a ordem política estabelecida tida como pernicioso e constrangedora ao almejado desenvolvimento e prosperidade a fim de dar um novo rumo conducente a uma aurora futurista e promissora em suas vidas.

Todavia, a histórias de países que passaram por este tipo de conflitos evidencia que mesmo depois de consumada a remoção do governo considerado ditador, antidemocrático, contrário às expectativas, necessidades e demandas dos cidadãos, o que se assiste depois é uma implantação do caos – exemplos são as Revoluções Coloridas e a Primavera Árabe ocorridas em algumas nações da Europa do Leste, que antes fizeram parte do Império soviético, e na África do Norte: Líbia, Egito e Tunísia, que se viram arrastadas pela estratégia das guerras híbridas numa clara alusão ao ideário do secular estrategista militar chinês Sun Tzu.

Olhando para Moçambique e diante do cenário em descrição, a questão que se coloca é: até que ponto a suposta guerra de terrorismo em Cabo Delgado consubstancia uma guerra híbrida? Partimos da hipótese de que os fatores geopolíticos, geoestratégicos e geoeconômicos são onipresentes e condição sempre presente para o deflagrar de conflitos terroristas ao nível global. Atendendo que Moçambique é um país geopolítica e estrategicamente bem posicionado nas costas do Oceano Índico é apetecível as (super) potências mundiais movidas pela cobiça dos recém descobertos recursos energéticos de importância estratégica (gás natural e petróleo) possam intentar qualquer coisa para alterar a ordem.

A força das circunstâncias aliada aos avanços no teatro das operações, que os terroristas iam conquistando, levou o governo de Moçambique a aceitar a ajuda do exército ruandês no combate ao terrorismo em Cabo Delgado, apesar de não estarem clarificadas as contrapartidas que advém desta participação, pois não há, nem haveria, apoio militar numa situação tão delicada de conflito à semelhança do que está acontecendo em Cabo Delgado por motivos meramente altruístas – as RI são feitas por interesses numa espécie de *pas des amis pas des intérêt*.

Para o nosso estudo, partimos da teoria das guerras híbridas, categorizamos o fenômeno em três níveis: (1) a insurgência terrorista como variável independente; (2) a geopolítica, geoestratégia e a geoeconomia como variáveis de condição que estiveram na razão da eclosão do conflito em apreço e; (3) como variáveis intervenientes, a pobreza entre os jovens, falta de escolaridade que configuram a violência estrutural, impulsionando a radicalização e insurgência da juventude sem deixar de lado a conexão externa.

Em termos metodológicos, a nossa opção em fazer um estudo de caso “do terrorismo em Moçambique”, (re) interpretado nos contornos da guerra híbrida, é atravessada pela pesquisa bibliográfica permitindo levantar informações que não só contribuíram para a familiarização e delimitação do tema, como também para a identificação do problema e estabelecimento de objetivos. Como estratégia, recorreu-se a uma pesquisa descritiva que possibilitou analisar os contornos do conflito, para além de

analisar os conteúdos veiculados na imprensa nacional (oficial e privada) com vista a apurar o posicionamento que cada uma das vertentes expressava sobre o fenômeno em estudo.

Do ponto de vista de estrutura, o artigo inicia com uma primeira parte introdutória que faz uma breve apresentação do tema e problematiza as variáveis dando, portanto, uma contextualização. A segunda é a do debate teórico conceptual, onde se faz uma "procissão" de vários autores, com principal destaque para Gomes & Alves (2020); Mendes (2014); Alves e Roahny (2022); Korybko (2015); Bargués, Bourekba & Colomina (2022). Estes autores, para além da visão teórica e conceptualização de guerras híbridas, nos proporcionam um debate sobre suas características, desde o uso da mídia, sobretudo a eletrônica, para a mobilização de jovens. A terceira parte trata da gênese do terrorismo, das raízes e motivações da radicalização que conduziu ao conflito, socorrendo-se da pesquisa realizada por Habibe, Forquilha & Pereira e Chichava. A quarta parte alude à estratégia de recrutamento e radicalização através de cidadãos nacionais e estrangeiros, com promessas de emprego no setor de agricultura com bons salários e bolsas de estudo; ao estrangeiro, à redes familiares e de amizade e às madrassas. A quinta parte traz as visões da imprensa oficial. Em sexto lugar discute-se o treinamento e recrutamento. Por fim, o artigo fecha com as conclusões.

Debate teórico conceptual em torno das guerras híbridas

Sobre o fenômeno que serve de nossa reflexão no texto em tela, a nossa posição epistemológica aponta para a possibilidade de se tratar de uma guerra híbrida pois, além de recorrer a atos de violência armada, assassinatos de suas vítimas por decapitação, a insurgência em Cabo Delgado usa instrumentos cibernéticos em assistência às operações convencionais de guerra envolvendo destruição e aplicação da força sintética (produção de danos materiais) ideia plasmada nos textos de (MENDES (2014)²; (GOMES &

² MENDES, Flávio Pedroso. Guerra, Guerrilha e terrorismo: uma Proposta de Separação Analítica a partir da Teoria da Guerra de Clausewitz, in Carta Internacional, Publicação da Associação Brasileira de Relações Internacionais, Vol.9, nº9, jul. dez. 2014 (p.96 a 108)

ALVES (2020). Contudo, não há consenso entre os estudiosos sobre a definição de guerras híbridas.

A falta de elaboração consensual sobre a definição de guerras híbridas entre os estudiosos pode, em parte derivar do fato de atuarem numa área cinzenta entre a *hard* e o *soft power*³, mesclando, do ponto de vista tático e estratégico, elementos de guerra convencional e não convencional. Neste contexto, o uso da internet e outros meios ao dispor das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Nestes conflitos levanta-se uma série de interrogações sobre a efetividade do conceito clausewitziano de guerra como continuação da política por outros meios ou ainda como um embate físico entre duas partes: uma tentando submeter a outra e deixá-la incapaz de resistir. Portanto, "um ato de força para compelir nosso oponente a fazer a nossa vontade,"⁴ recorrendo à força, sem recurso a meios não violentos. O mesmo autor avança afirmando que o uso de meios cibernéticos, apesar de resultar em danos, nem sempre resvala num conflito, mas sim produz uma série de eventos que chamam atenção à percepção da liderança, cabendo a esta decidir se pode ou não a considerar como guerra. (MENDES, 2014).

Atendendo ao fato de, em algumas circunstâncias, em guerra híbrida inexistir cinética que permita determinar o real oponente, a própria literatura chama atenção para a sua invisibilidade sendo apenas visíveis os meios empregues, nomeadamente: o patrocínio da insurgência, treinamento e provimento em meios de propaganda e mobilização, com recursos aos meios de comunicação.

As guerras híbridas começam a dar as suas primeiras manifestações com o fim da Guerra-Fria como resultado da busca de ampliação de poder e conquista de novos espaços geopolíticos por parte das grandes potências militares, anteriormente envolvidas no conflito bipolar. Sem querer se envolver diretamente, suas forças militares usam meios alternativos como os cibernéticos, a imprensa e, sobretudo, o patrocínio ao terrorismo.

³ Política baseada na força das armas semelhante a high politique em contraposição a low politique, que seria neste caso o soft power

⁴ Ibidem

O fim da Guerra-Fria exacerbou as ambições geopolítica, geoestratégica e geoeconômica dos Estados, com o fito de influenciar o comportamento de outros atores, gorando as expectativas da sociedade internacional de um ideal de paz, segurança e cooperação internacional através de maior circulação da informação por meio da mídia e, conseqüentemente, mais transparência, abertura da política externa e diplomacia. Segundo Mendes (2014) este período inaugurou uma nova era na concepção das guerras, questionando a teoria Clausewitziana de guerra como continuação da política por outros meios em decorrência do aparente questionamento da *Real* e *High politik* e da *Raison d'etat*, em consideração aos novos atores das relações internacionais como a opinião pública, portanto, com o advento do construtivismo. O que se verificou foi que enquanto se esperava maior conectividade nas Relações Internacionais (RI) finda a Guerra-Fria, que seria impulsionada pela expansão da globalização e os intercâmbios econômicos, comerciais, energéticos, políticos e culturais, a presunção era a de que, com maior conectividade e interdependência entre as nações, freariam as apetências por conflitos e, ao mesmo tempo, contribuiriam para o desenvolvimento, democratização e paz global.

O resultado foi uma hiperconectividade, criando oportunidades para que os Estados, dispostos a explorar as vulnerabilidades dos outros, iniciassem a saga de cinismo sádico.

A maior conectividade nas RI, sobretudo com o fim da Guerra-Fria, facilitou a expansão da globalização e os intercâmbios econômicos, comerciais, energéticos, políticos e culturais. A conexão e interdependência entre países freavam o apetite pelos conflitos e, ao mesmo tempo, contribuía para o desenvolvimento, para a democratização e paz global. Todavia, como sustenta Mark Lonard, esta hiperconectividade também ofereceu oportunidades para aqueles Estados dispostos a explorar as vulnerabilidades dos outros. Segundo Leonard (2016:15), é fazer que teus competidores sejam mais dependentes de ti que tu deles - e utilizar esta dependência para influenciar seu comportamento. Assim, a interdependência também tem suas contradições, e pode ser utilizada como ferramenta para explorar vulnerabilidades e exacerbar a confrontação entre grandes potências, incluindo comunidades opostas e polarizadas dentro de uma mesma sociedade. Daí que atores como a União Europeia tenham reforçado suas estratégias para dotar-se de uma maior autonomia estratégica⁵.

⁵ BARGUÉS & BOUREKBA in BARGUÉS, Pol, BOUREKBA, Moussa & COLOMINA (eds.), Carme. Amenazas Híbridas, Orden vulnerable, CIDOB REPORT #08, Barcelona Centre for International affairs, Setiembre 2022, ISSN:2564-9078), p.7

Neste caso, o termo “guerras híbridas” surge pela primeira vez no jargão de Estudos Estratégicos em 2014, resultante de "eventos políticos na Ucrânia que levaram a queda do governo Viktor Yanikovitch e a anexação da península da Crimeia pela Rússia. Todavia, o tema já tinha sido objeto de discussão nos círculos acadêmicos e militares na década de 1980 em alusão à guerra informacional, guerra em rede, guerra de quarta geração"⁶. A propagação do conceito de guerras híbridas em meios militares intensificou-se mais no início do século XXI, com a Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN) catalogando-as como uma nova forma de combate, combinando métodos regulares e não regulares. Nelas participam atores estatais e não estatais e, para além de métodos convencionais são usados outros não convencionais como: *drones*, a desinformação, sequestros e terrorismo⁷. Deste modo, as guerras híbridas têm sido utilizadas como instrumento para desvirtuar as oportunidades que o mundo globalizado e interconectado oferece. O seu *modus operandi* e poder globalizante vão desde o recurso a elementos de sabotagem, patrocínio e instigação ao terrorismo, manipulação da informação e propaganda midiática a escala global.

As guerras híbridas segundo Alves e Roahny (2022) como instrumento de pressão diplomática usado por potências globais e regionais para o alcance de objetivos de política externa, através de financiamento de grupos opositoristas e apoio logístico a insurgência. Portanto, a última *ratio* da guerra híbrida é o confronto armado propriamente dito choque cinético – com recurso a fatores políticos, ideológicos e culturais, ampliando o escopo do conflito armado onde métodos militares convencionais são mesclados a táticas de combate irregular.

Numa primeira fase, atores estrangeiros mobilizam recursos para financiar, assessorar ou mesmo estruturar movimentos de oposição política com vista à mudança de regime, como foi o caso das Revoluções Coloridas e da Primavera Árabe. Fracassada esta

⁶ Lind et Al. 1989; Aquilla and Ronfeldt 2001 *apud* ALVES, B W; Macedo, B V. de & ROAHNY, L. O que é " guerra hibrida? Notas para o estudo de formas complexas de interferência externa" in Revista Brasileira De Estudos De Defesa, 9 (1). (Pp. 229-254), p.229.

⁷ BARGUÉS & BOUREKBA in BARGUÉS, Pol, BOUREKBA, Moussa & COLOMINA (eds.), Carme. Amenazas Híbridas, Orden vulnerable, CIDOB REPORT #08, Barcelona Centre for International affairs, Setiembre 2022, (ISSN:2564-9078)

estratégia, segue a escalada do conflito, recorrendo a modalidade indireta de intervenção como treinamento militar e/ou apoio logístico a movimentos autóctones de insurgência⁸. Korybko, (2018 *apud* Mendes, 2014, p.234). O mesmo autor Mendes (2014) afirma que o terrorismo é um fenômeno social, cujos meios e fins visam infligir o máximo de terror através da violência sobre a populações indefesas, com a finalidade de pressionar o governo a atender as suas demandas políticas – "é o seu efeito psicológico que importa. É a geração do medo e pânico – que constitui o meio das ações terroristas" (DINIS 2004, p.5 *apud* MENDES 2014, p.104).

Entre os meios estratégicos e táticos, os terroristas recorrem, em paralelo com os meios convencionais, aos meios cibernéticos. Os meios cibernéticos são usados, segundo Gomes e Alves (2020, p.232) "em assistência a operações convencionais de guerra, que envolvem destruição e aplicação da força cinética"⁹. Todavia, assumindo a ideia de Clausewitz (Gomes & Alves, 2020) de que a guerra é um embate violento entre agrupamentos humanos visando a consecução de um objetivo. Sendo assim é justo aceitarmos a ideia de que:

Os Estados (e outros agentes políticos) estão acostumados a um grande leque de ações que visam desestabilizar outro agente ou compeli-lo e que, independentemente disto, não configuram ato de guerra. Muitas dessas ações, já frequentes, podem ser simplesmente transpostas ao ambiente cibernético, sem modificar sua natureza, como propaganda, espionagem, nas quais a ausência de um 'ato de violência' torna pouco provável que se vá guerra por causa deles... A guerra, cibernética ou não é resultado da política e, como tal, no final do dia, é o líder político quem decide se uma ação levará à guerra ou não (GOMES & ALVES, 2020, p.236).

Por conseguinte, apesar da dúvida que paira sobre se as ações no espaço e por meios cibernéticos configuram guerra ou não, sua participação no apoio, entanto que meio não convencional de guerra em auxílio a formas convencionais de guerra, que resulta em violência e destruição, parecem condicionar essa forma de compreender o conceito de guerra híbrida enquanto conflito que imbrica técnicas convencionais e não convencionais.

Como se pode depreender, as guerras híbridas emergem, neste contexto, como um novo tipo de ameaça valendo-se da utilização de táticas convencionais e não

⁸ Como teria sido o caso da Líbia

⁹ GOMES, Paulo Henrique Miranda & ALVES, Vágner Camilo. Clausewitz, e a Ciberguerra e a Guerra Russo – Georgiana. In Ver. Carta Inter., Belo Horizonte, V.15, n°3, 2020, p.232 – 254, p.235.

convencionais em cenários de conflito ou na confrontação geopolítica entre os grandes atores globais, desestabilizando a ordem internacional (BARGUÉS, BOUREKBA & COLOMINA, 2022, P.5). No caso, "os Estados Unidos financiam distúrbios e usam a OTAN para mobilização de invasões¹⁰". Esta nova sensação de conflito permanente entre as nações têm estado a receber diversas nomenclaturas como: "guerras híbridas, guerra cibernética, informação errônea, desinformação, má informação, operações de influência e agentes mal intencionados¹¹".

Em inúmeras guerras ao longo da história têm sido utilizados grupos insurgentes ou propaganda para desestabilizar ou castigar o inimigo. Mesmo em momentos de paz, durante o século XX, os "Estados rivalizaram-se recorrendo à espionagem, propaganda, batalhas econômicas, intromissão em processos democráticos e instigação à insurgência" (JOHNSON, 2018 *apud* BARGUÉS, BOUREKBA & COLOMINA, 2022, P.6).

As guerras, de acordo com Korybko (2015), são ultimamente travadas de maneira indireta. As batalhas combatidas por armas, munições, protestos e insurgências se convertem em agentes secretos, sabotadores e outros atores não estatais que publicamente se comportam como civis, com a mídia social e outras tecnologias similares agitando convulsões sociais agressivas onde as salas de bate papo e o Facebook funcionam como novos militares em combate. Por isso, o uso das táticas híbridas vai desde a migração¹² à desinformação, passando pela interferência em processos eleitorais e o uso de recursos naturais até os vírus informáticos. Vivemos em uma época em que tudo é susceptível de

¹⁰ FERNANDES, Mauro Silva da. "Revoluções Coloridas": "gritos" para as câmeras, hashtag alegria, alegria, das "sombras" golpeamos a democracia, 2022, p.4

¹¹ John Kelly. Como las democracias pueden superar los desafíos híbridos y la desinformación in BARGUÉS & BOUREKBA in BARGUÉS, Pol, BOUREKBA, Moussa & COLOMINA (eds.), *Carme. Amenazas Híbridas, Orden vulnerable, CIDOB REPORT #08*, Barcelona Centre for International affairs, Setiembre 2022, ISSN:2564-9078), p.31

¹² Os noticiários de TV, as manchetes de jornal, os discursos políticos e os tuítes da internet, usados para transmitir focos e escoadouros das ansiedades e dos temores do público, estão atualmente sobrecarregados de referências à 'crise migratória' – que aparentemente estaria afundando a Europa e sinalizando o colapso e a dissolução do modo de vida que conhecemos, praticamos e cultivamos. Essa crise é hoje uma espécie de codinome politicamente correto para fase atual da eterna batalha dos formadores de opinião pela conquista e subordinação das mentes e dos sentimentos desse campo de batalha quase chega a causar um verdadeiro pânico moral...Forças estrangeiras não identificadas estão por detrás das migrações. BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*, Zahar, 2016.

ser usado como arma, lançada a partir de qualquer lugar e com consequências imprevisíveis.

Estrategicamente, as guerras híbridas iniciam seus ataques contra a liderança evoluindo para outras partes essenciais do sistema, atingindo as infraestruturas até a população e o campo militar. Esta forma de agir é explicada pela teoria dos cinco círculos estratégicos do Coronel John Warden, citado por Korybko (2015). Quando esta teoria é aplicada em "guerras não convencionais, a unidade em conflito se preocupa em afetar cada uma das partes do círculo, porém, focalizando mais para os três círculos centrais (população, infraestruturas e demais partes essenciais)"¹³.

Gênese do terrorismo em Cabo Delgado

O terrorismo em Cabo Delgado teve o seu início em outubro de 2017 com o surgimento de pequenos grupos radicalmente islamizados, que disputavam hegemonia entre as comunidades islâmicas em Mocimboa da Praia, Motepuez e outros distritos da província.

Desde outubro de 2017 a região Norte da Província de Cabo Delgado tem sido vítima de ações terroristas por parte de jovens radicalizados. Numa primeira fase, seus alvos eram militares e policiais. Todavia, depois da ofensiva das FDS¹⁴, este grupo alterou o seu *modus operandi* para assassinatos por degolação, fazendo lembrar o *modus operandi* do autointitulado Estado Islâmico e Boko Haram (Não a educação), a chefes de aldeias que lhes recusem: comida, guarida e transporte (SAVANA, 01/09/2018).

Tais grupos começaram por ventilar, entre a juventude, com recurso à *Sharia*, um islão radicalizado diferente do praticado na região, uma estratégia frequentemente usada por grupos islâmicos radicalizados, descrita por Januário e Gameiro (2016, p.543) nos seguintes termos:

a estratégia prioritária do fundamentalismo, consiste na implantação de regimes islâmicos, teocráticos e radicalizados, os seus setores de maior implantação são, de um modo geral, os menos favorecidos da sociedade, os meios mais inconformistas da juventude, as grandes concentrações urbanas, e meio rural. Com efeito, e sob aparência de um forte e irrecuperável conteúdo religioso, esconde-se, na realidade, uma força de grande capacidade revolucionária e subversiva.

¹³ KORYBKO, Andrew. *Híbrid Wars: the indirect adaptative aproch to regime change*, Moscow, 2015, p.20

¹⁴ Forças de Defesa e Segurança.

Portanto, depois da propagação do radicalismo islâmico, os terroristas em Cabo Delgado passaram a se aproveitar das vulnerabilidades sociais e econômicas no seio da juventude desta região do país que se encontra distribuída entre os meios rural e urbano (vilas de Mocimboa da Praia e outras), convencendo-a da viabilidade do projeto de insurgência armada como meio de supressão das dificuldades econômica, social, portanto, de vida.

O grupo que empreende o terrorismo em Cabo Delgado é denominado *Al-Shabaab*. Começou como um grupo religioso e, mais tarde, em 2015 passou a incorporar células militares. Este grupo é semelhante ao que opera na Somália e Quênia, fundado em 1990, como braço armado da União dos Tribunais Islâmicos (UTI), “as suas ações correspondem ao fundamentalismo islâmico de combate à influência ocidental e de implantação radical da lei islâmica – a *sharia* e combate aos inimigos do Islão”. (HABIBE, FORQUILHA & PEREIRA, 2019, p.10).

No início, o grupo era conhecido pela denominação *Ahlu Sunnah Wal-Jamâa*, que significa, em Árabe, "adeptos da tradição profética e da congregação"¹⁵. Na sua perspectiva, as comunidades de Mocimboa da Praia não estavam a seguir a tradição do profeta. Os defensores encontravam-se entre nacionais e estrangeiros.

No início, os integrantes do grupo eram maioritariamente jovens de Mocimboa da Praia. De acordo com as entrevistas efetuadas, os seus líderes tinham ligações com certos círculos religiosos e militares, nomeadamente células de grupos fundamentalistas islâmicos da Tanzânia, Quênia, Somália e da região dos Grandes Lagos. Alguns elementos do grupo tinham ligações indiretas com líderes espirituais da Arábia Saudita, Líbia, Sudão e Argélia, essencialmente através de vídeos ou de pessoas que tinham estudado nesses países graças a bolsas de estudos financiadas por homens de negócios locais e estrangeiros (particularmente madeireiros e garimpeiros ilegais) provenientes da Tanzânia, Somália e da região dos Grandes Lagos. Em Moçambique, uma parte desses jovens está concentrada na zona norte e outra na cidade de Maputo. (HABIBE, FORQUILHA & PEREIRA, 2019, P.10).

Esta hipótese é também levantada pelo governo quando afirma que se trata de um grupo composto por

(estrangeiros e moçambicanos) que tem como objetivo, instalar um Estado Islâmico em Moçambique. Rodrigo Parrique, então administrador de Mocimboa da Praia, disse que este grupo era composto por moçambicanos, que tinham estudado doutrinas religiosas

¹⁵ Habibe, Saide, Forquilha, Salvador & Pereira, João. "Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique: O Caso de Mocimboa da Praia", cadernos IESE, 2019, p.11.

fundamentalistas na Tanzânia, Sudão e Arábia Saudita, e trabalhavam em conexão com cidadãos tanzanianos e somalis, que para atingir seu objetivo, exaltavam práticas religiosas não comuns no Islão e desacreditavam o Governo de Moçambique (Jornal Notícias, 2017 *apud* CHICHAVA, 2020, p.1)¹⁶.

Entre os nacionais, aponta-se para o grupo de empresários fixados na cidade da Beira que, por terem sido impedidos de explorar madeira ilegalmente, vingaram-se do governo recrutando jovens para engrossarem as fileiras dos insurgentes. Aponta-se também para empresários de origem paquistanesa ligados à célula na *all Shaabab* que atua no Quênia e Somália, para além do empresário sul africano que perdeu a vida sob custódia acusado de financiar os insurgentes.

Sendo assim, trata-se do uso de guerra híbrida com interferência de agentes Estatais, cujo papel foi de proporcionar ao grupo terrorista uma doutrina imbuída no fundamentalismo islâmico. E, como não devia deixar de ser, neste tipo de conflitos há um forte recurso de meios cibernéticos e serviços privados de defesa e segurança¹⁷ associando-se aos discursos e narrativas veiculados na imprensa nacional, sobretudo nos principais jornais de maior circulação tanto oficiais (estatais) quanto privados sobre o conflito, o que reitera a nossa conjectura de se tratar de um conflito suscetível de ser catalogado no contexto das guerras híbridas.

Estratégia de recrutamento

Quanto à estratégia de recrutamento, o grupo centrou seus esforços no nível nacional e no-estrangeiro. No primeiro, os recrutados vinham dos distritos costeiros de "Cabo Delgado e Nampula, nomeadamente: Mocímboa da Praia, Macomia, Memba, Nacala-a-Velha e Nacala-Porto" sob promessa de emprego, pagamento de valores altíssimos e bolsas de estudo para o estrangeiro (HABIBE, FORQUILHA & PEREIRA, 2019, P.10).

¹⁶ CHICHAVA, Sérgio. Quem é o "inimigo" que ataca Cabo Delgado? Breve apresentação das hipóteses do Governo moçambicano, Boletim N° 17, IESE, 2020.

¹⁷ Segundo o Jornal SAVANA (01/11/2019), o conflito de Cabo Delgado foi, de entre outros aspetos característicos das guerras híbridas, marcado pela intervenção do grupo paramilitar russo Wagner. Um grupo paramilitar associado a Yevgeny Prigozhim, um oligarca local, amigo íntimo do Presidente Vladimir Putin. Os comandos do grupo combateram na Síria, na República Centro Africana e, antes disso prestaram apoio às tropas separatistas russas no Leste da Ucrânia

Para além da própria província de Cabo Delgado, onde ‘21 jovens da aldeia Hala do posto administrativo de Quiterajo, em Macomia foram recrutados pelos insurgentes’, o recrutamento era feito em outras províncias, o caso concreto da Província de Nampula por intermédio de empresários estrangeiros (paquistaneses ligados ao grupo extremista *all Shaabab*) que atua na Somália. Prova disso, é a abortada operação de recrutamento em Nampula realizada por este grupo de empresários. Tais empresários aliciavam os jovens com promessas de emprego na comercialização de produtos agrícolas e melhores condições de vida. (O PAIS, 24/05/2018 e NOTÍCIAS, 09/06/2018).

Em Mocimboa da Praia, particularmente, segundo Habibe, Forquilha & Pereira (2019), a *Al-shabaab* tinha montado outra estratégia de recrutamento através de laços de casamento; de redes informais de amigos; de madrassas e através das redes sociais. Tanzanianos e quenianos que chegavam à Moçambique, por serem indivíduos financeiramente estáveis com facilidades, assumiam matrimônio com mulheres locais. Imediatamente, seguindo o matriarcado, recebiam espaços para construção de suas residências, que muitas das vezes eram cedidos dentro do mesmo quintal dos sogros – pela sua estabilidade financeira acabavam sendo a garantia de sobrevivência da família e, em troca, recebiam proteção. Neste processo, membros da família da esposa passavam a frequentar os mesmos locais de culto com os cunhados, contribuindo sobremaneira para a radicalização dos jovens locais.

As redes informais de amigos, por sua importância na ação coletiva, seja ela religiosa, social ou política, no dizer de Della Porta & Diani (2006) *apud* Habibe, Forquilha & Pereira (2019), desempenharam também um papel muito importante. Os jovens eram impelidos pela fantasia, pelo espírito de camaradagem e identidade; pelas promessas de nova família, de supressão de problemas econômicos ligados à sua condição de desempregados sem expectativa futurista acabam encarando a *Jihad*¹⁸, como referem Habibe, Forquilha & Pereira (2019, p.24), "como um ‘extremismo correto’, na medida em que eles passaram a ver o Islão como algo de importante para desafiar as autoridades locais e construir uma nova ordem social e política".

¹⁸ Jihad significa empenho, esforço ou luta. É habitualmente entendida como "guerra santa" travada contra os inimigos da religião muçulmana.

Outros pontos importantes de recrutamento e radicalização eram as madrassas e mesquitas. Aproveitando-se das condições de pobreza da população, as madrassas da *al-shabaab* recebiam crianças procedentes das classes populares, camadas populacionais mais pobres, principalmente em Mocimboa da praia. Às crianças eram ensinadas o Alcorão e, paralelamente ao ensino corânico—eram projetados vídeos do Sheik Aboud Rogo que depois eram debatidos. Eram também distribuídos em pen drives e em contas de WhatsApp vídeos de operações militares do grupo que gradualmente incutiam na mente das crianças e jovens a ideia de defesa dos mais fracos e que, peregrinar não significava ir à Meca, mas sim à Somália em que chegados, Alá conceder-lhes-ia o paraíso.

A internet e o massivo uso de telefones celulares foi também outra e importantíssima fonte de recrutamento e radicalização de jovens. Segundo Habibe, Forquilha & Pereira (2019, p.19), os novos meios de comunicação têm capacidade de impactar por conta da cor da imagem que lhes confere um poder atrativo visual que produz emoções nas pessoas. Por outro lado, servem de instrumentos de acesso à informação que permite a participação política.

As redes sociais são uma maneira extremamente importante para a transmissão de uma mensagem a um público-alvo. Tweets e postagens no Facebook transmitem emoções ao leitor. Assim como outros grupos extremistas, o grupo dos Al-Shaabab de Mocímboa da Praia também usava redes sociais como o Facebook, Twitter, WhatsApp e vídeos para recrutar combatentes. Estes meios também eram usados para disseminar informações sobre as atividades do grupo e comunicação. A divulgação de vídeos tinha em vista influenciar crenças e sentimentos que favorecessem o recrutamento. A maioria destes vídeos continha mensagens em kiswahili e árabe de forma a passar a informação a potenciais recrutas que falam estas línguas. Nos vídeos transmitidos, as mensagens tinham um conteúdo claramente jihadista. Os vídeos mais circulados pelas diferentes células do grupo dos Al-Shabaab na zona norte são do sheik Aboud Rogo Mohammed, mais conhecido pela população local como Aboud Rogo. Que mensagens Aboud Rogo passa nos seus vídeos? Nos seus discursos, ele usa a “teoria do complot”. Convence os mais novos de que vivem num mundo corrupto, rodeados de pessoas que lhes mentem constantemente e levando-os a desconfiar de tudo e de todos, fazendo-os sentir-se “especiais”.

Estas foram as principais estratégias usadas pelo movimento para sua radicalização e posterior mobilização dos jovens à luta – estratégia que se operacionaliza tendo como suporte as narrativas da pobreza e falta de escolaridade, o que impedia os jovens de sonhar com a prosperidade de uma vida melhor, enquanto principais causas de

fácil incorporação dos ideais radicais e posterior alistamento para as fileiras dos insurgentes. A baixa escolaridade e a falta de emprego empurrava os jovens para a sobrevivência que só encontrava duas alternativas: a pesca e o negócio informal. A este fator acresce-se a ineficiência das políticas do Estado em dar resposta às demandas sociais e econômicas da população.

Outra fonte de radicalização em Cabo Delgado é o conflito étnico entre os Mwani e Macondes. Enquanto os Mwani se sentem párias no seu próprio território, dado o fato de os Macondes estarem representados no poder político (lembrando que o atual Presidente da República é de descendência Maconde) e, por isso, possuírem poder econômico, chegando ao ponto de os Mwani se tornarem empregados dos Maconde, pior, em seu reduto (distritos costeiros como Mocimboa da Praia, por exemplo), sendo os Macondes oriundos do interior, no planalto com o mesmo nome.

O conflito étnico entre Mwani e Maconde pode ser entendido como resultando de uma agenda política de unidade nacional mal gerida, o que fez nascer uma violência estrutural, ao se estabelecer uma diferenciação de oportunidades, que na visão dos Mwani favoreceu mais aos Maconde que, por causa de sua forte representação no poder político, acabam sendo economicamente poderosos¹⁹ ao ponto de os dominar no seu próprio território.

A «violência estrutural» (Galtung, 1969) por parte do Estado tem de ser considerada uma das causas do conflito. Segundo este autor, esta violência resulta da «padronização de regras» e é aplicada por uma economia política e uma administração capturadas pela elite política. Este tipo de violência institucionalmente organizada, juntamente com a exclusão rigorosa de outros do poder, produz um «prejuízo evitável para as necessidades humanas fundamentais» (Galtung, 1969). A exclusão veste aqui a capa de muitas ideologias e «ismos» (por exemplo, nacionalismo, socialismo, patriotismo, modernismo, elitismo, etnocentrismo, etc.). Assim, o impacto excludente da violência estrutural passou a fazer parte da economia política de Moçambique após a independência e não é facilmente apreendido nem coberto pelas dicotomias Frelimo Renamo/Estado rebeldes/ lei e ordem bandidos (Bertelsen, 2003; 2009; 2016; 2017) *apud* (WEIMER 2020, p.14).

¹⁹ Uma clara alusão à teoria do paralelismo entre o poder político e econômico entre as lideranças africanas. Isto significa que, em África, frequentemente, o acesso ao poder econômico passa necessariamente pelo acesso ao poder político, o que gera uma vulnerabilização das lideranças africanas pois, mesmo em contextos de democracia, se apegam ao poder sem perspectiva de o largar.

"As elites políticas em Moçambique também são marcadas por uma competição feroz pelo acesso e controlo dos recursos e uma visão do Estado como fonte de enriquecimento pessoal" (BAYART, 1989 *apud* HABIBE, FORQUILHA & PEREIRA 2019, p.25). Esta situação gera instituições fracas que, segundo Acemoglu & Robinson (2013) em *Why Nations Fail*, obra na qual os autores demonstram como a interação entre as instituições políticas e econômicas causa pobreza ou prosperidade. No caso concreto de Moçambique essas relações causam pobreza através de instituições extrativas que mal conseguem garantir a segurança por sua estrutura se demonstrar inclinada a beneficiar os poucos que estão no poder e outros a si ligados por laços de parentesco, amizade, clientelismos e camaradagem fazendo com que "diante da pobreza e miséria haja um pequeno grupo de indivíduos no poder, muito rico"²⁰.

O grupo étnico mwani sente-se excluído em termos de representação política e benefícios econômicos. A este propósito, um jovem local referiu: "Aqui em Mocimboa [da Praia], o que está na moda são os macondes e jovens que vêm de Maputo. Nós [mwani] não vemos nada.... Os nossos pais para viver têm que trabalhar nas machambas dos chefes macondes.... Eles são chefes e nós empregados.... Isto começou há muito tempo e não é de hoje... Nós os mwani estamos a sofrer... Mas um dia isto vai ter que mudar, não podemos continuar assim..." (HABIBE, FORQUILHA & PEREIRA 2019, P.26).

De acordo com a DW citando o historiador francês Michel Cahen *apud* Vianna (2021, p.9)

o campo fértil para a insurgência é a falta de oportunidade oferecida aos jovens. Como fala Cahen: "Essa seita '*al-Shabab*' de Cabo Delgado está oferecendo um projeto de vida aos jovens que não têm nenhuma esperança de melhorar socialmente. Aí, voltamos às questões socioculturais e econômicas do conflito.

As condições de incerteza social e econômica no seio da juventude aumentaram as suas fantasias pessoais e busca de aventura, pois, entendiam que na *Jihad* tinham encontrado uma nova família e fonte de equilíbrio emocional, por isso, "passaram a ver o Islão como algo de importante para desafiar as autoridades locais e construir uma nova ordem social e política." (HABIBE, FORQUILHA & PEREIRA, 2019, p.25).

Importa referir que a violência estrutural que precipita a juventude à aderência a ideais terroristas não é uma particularidade de África, ou de Moçambique. A Europa

²⁰ ACEMOGLU, Dron & ROBINSON, James A. *Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty* Profile Books, 2013

Ocidental, espaço geopolítico de que se espera maior equidade, um espaço ampliado de acesso às oportunidades mercê da sua suposta maturidade democrática, também foi palco de evasão de jovens e consequente alistamento ao Daesh, segundo Bauman (2014), citando um estudo da Soufan Group.

Uma consultoria na área de informações, apresenta um número de cerca de 5 mil combatentes originários da UE até agora recrutados pelo Daesh, como relata Pierre Baussand, da Plataforma Social (pelo que se descobriu, apenas que dois dos terroristas de Paris eram moradores de países de fora da UE). Quem são os jovens que fogem da Europa para se juntar a cortes terroristas, planejando voltar após receber treinamento? A resposta de Baussand, baseada em boas pesquisas e bem-apresentada, é que: a maioria dos ocidentais convertidos ao Daesh tem origem humilde. Um recente estudo do Centro de Pesquisa Pew concluiu que 'os europeus do novo milênio têm sofrido desproporcionalmente com os recentes problemas econômicos de seus países... Antes esse desafio, jovens europeus muitas vezes se veem como vítimas do destino'. Essa privação generalizada que atravessa a sociedade ajuda um pouco a explicar a atração do sentido de importância e controle que o Daesh ventila em seus seguidores. (BAUMAN, 2016, P.40-41).

Quando analisada, a estratégia do grupo terrorista de se estabelecer na região da costa norte de Moçambique onde ocorrem importantíssimos recursos naturais de valor econômico e estratégico vem a confirmar a assunção de Januário & Gameiro (2016, p.234-235) segundo a qual os países islâmicos preferem regiões *geoestrategicamente* bem posicionadas e com ocorrência de abundantes recursos estratégicos. Paralelamente à apetência por regiões costeiras onde terão acesso fácil ao mar e ao porto para o contrabando de recursos, narcotráfico e exploração de recursos que lhes permite uma estabilidade financeira para alimentar os conflitos. Os seus membros constituintes têm sido indivíduos formados, preparados e treinados no islão em países como Sudão, Arábia Saudita entre outros com fortes ligações a nível internacional cuja formação é caracterizada pela transmissão de ideias radicais do islão com forte incidência no anti-ocidentalismo.

No caso concreto de Cabo Delgado o conflito é caracterizado por recurso ao terrorismo; associado à localização geográfica do conflito na zona costeira que tem um porto fazem desta, geoestratégico e geoeconômico atrativa de fortes interesses geopolíticos e geoestratégicos não só de Estados como também de grupos terroristas e narcotraficantes, como refere Gilberto Vianna em seu artigo intitulado: *Miséria Social*,

Gás Natural, Rubis e Drogas: As Fontes da Insurgência Islâmica na Província de Cabo Delgado em Moçambique.

As áreas abrangidas pelos países islamizados, ou, impressionantemente, islamizados, são detentores de considerável potencial no plano econômico, tais como, importantes reservas de petróleo, e gás natural, minérios estratégicos, especiarias, pedras preciosas, entre outras. Do ponto de vista geopolítico, o Islão detém posições de relevo no controle de zonas de passagem, tais como, Gibraltar, Bósforo, Suez, o Canal de Moçambique, os estreitos de Bad-el Mandeb, Ormuz, e Malaca, controlando, em sentido lato, o próprio espaço do Oceano Índico, o que se vem a refletir na *Rota do Cabo*, de importância evidente para todo o Atlântico, e não só o inserido no espaço formal dos quadros de segurança da NATO. O Islão representa, hoje, uma das principais peças do tabuleiro geopolítico regional, e internacional...Desde o início do século XX, que a expansão crescente do Islamismo reveste, cada vez mais, a forma de um *nacionalismo reivindicativo; militante*...O Islão apresenta-se, dessa forma, como uma terceira via, uma defesa contra qualquer intromissão estrangeira, seja ela, militar, política, ou ideológica, sendo o Islamismo radical, uma alternativa possível para um setor importante da população, que procura, no seu sedimento cultural específico, uma resposta para problemas contemporâneos. (JANUÁRIO & GAMEIRO, 2016, P.234-235).

Os fatores acima elencados, nos impõem o desafio de analisar este conflito à luz da recente teoria de guerras híbridas, tendo em consideração que esta nova forma de fazer a guerra, usa táticas, para além das convencionais, o terrorismo, a insurgência, a propaganda através da mídia, sempre motivada por interesses geopolíticos, geoestratégicos e geoeconômicos muitas vezes com patrocinadores externos sem visibilidade identitária. Ademais, dificilmente podemos separar as ações terroristas em Cabo Delgado, que constituem o nosso escopo, das atividades do narcotráfico. Razão pela qual mencionamos o texto de Viana que discute as ligações terrorismo e narcotráfico em Cabo Delgado.

E, quanto ao treinamento e financiamento, os insurgentes recebem treinamento de antigos agentes expulsos da Polícia da República de Moçambique e apoio financeiro recebem-no através de meios eletrônicos. O jornal SAVANA (04/10/2019) cita o diretor-geral do Gabinete de Informação Financeira de Moçambique (GIFIN) afirmando que "há estudos que demonstram que o terrorismo em Cabo Delgado também é financiado através de meios eletrônicos como o M-Pesa".

As narrativas da imprensa nacional

Tem sido normal neste tipo de conflitos haver uma intencionalidade entre a repercussão da mídia e as ações dos insurgentes (ou dos patrocinadores). Se por um lado,

os terroristas procuram realizar ações que pela sua intensidade chamam atenção da imprensa, a própria imprensa estatal e privada sentem-se na responsabilidade de informar o público a respeito do que está a se passar dentro do país sendo esta sua responsabilidade. Isto significa que as ações terroristas acionam automaticamente a reação da imprensa em tornar seus atos notícia.

Por isso que, na sequência dos ataques terroristas nos distritos de Mocimboa da Praia, Macomia, Palma e Nangade, foram realizadas detenções e responsabilização criminal, por parte da Procuradoria Provincial de Cabo Delgado de indivíduos, tanto nacionais quanto estrangeiros, supostamente responsáveis (direta ou indiretamente) pelos ataques. De acordo com os jornais notícias dos dias: 21/04/2018; 11/05/2018; 04/10/2018 e 24/10/2018; O país dos dias: 04/11/2018 e 20/11/2018 e Jornal domingo do dia 27/01/2019 foram detidos, constituídos arguidos e processado alguns dos autores materiais e morais dos ataques num total de 234 indivíduos, 155 dos quais presos, e 79 postos em liberdade. Destes 39 são estrangeiros de nacionalidade tanzaniana, 10 dos quais de sexo feminino. Pesou sobre este grupo os crimes como uso de armas proibidas, associação para delinquir, homicídio qualificado, contra organização do Estado, instigação ou provocação à desobediência coletiva, alteração da ordem e segurança pública.

Neste contexto, procedemos a uma análise sobre as visões de alguma imprensa de maior circulação nacional de entre oficial e privada sobre o conflito em Cabo Delgado. O nosso objetivo ao analisar as visões da imprensa consistia em buscar apurar as posições e visões assumidas e transmitidas nos relatos, tanto da imprensa oficial quanto da imprensa privada, com relação aos atos perpetrados pelos insurgentes, suas reais motivações e a atuação das FDS, se a imprensa se posicionou a favor ou contra. Se a favor, qual das imprensas – a oficial ou ie contra qual delas, a privada ou oficial? Para tal, foram analisados alguns jornais, entre os anos de 2018 e 2019, nomeadamente: jornal Notícias, Jornal domingo (ambos oficiais); o jornal SAVANA, o jornal O país e o Canal de Moçambique (pertencentes a imprensa privada).

Em conflitos híbridos a mídia tem desempenhado um papel muito importante, sobretudo a imprensa como palco de guerra de narrativas. O caso em estudo não seria diferente. Há uma notória guerra de narrativas entre a imprensa privada e a pública, com a última procurando de forma laudatória minimizar os efeitos da guerra e, a imprensa privada se empenhando em mostrar um suposto lado contrário e real do fenômeno.

Partindo do princípio de que as notícias que nos chegam através da imprensa são resultado de censuras e seleções explicadas pelas teorias comportamentalista, do *gatekeeper*, do *clipping* e da *agenda setting*, somos levados a afirmar que, os textos jornalísticos não retratam a realidade, mas sim acontecimentos. Os acontecimentos chegam aos jornalistas em forma de imagens e depoimentos, através dos quais fazem seus julgamentos e referências pessoais. Portanto, mesmo não sendo reais, pelo tratamento técnico e profissional a que os jornalistas submetem as informações, acabam transmitindo uma atmosfera de credibilidade perante os seus leitores.

Este cenário se deve ao fato de o processo de notícias, incluindo quais delas merecem destaque, quais omitir e como estabelecer uma relação de causa e efeito, estarem carregados de subjetividade. Além da subjetividade, que lhes é característica, há que considerar os constrangimentos organizacionais, políticos e técnicos que tornam a necessidade de impor a verdade nas notícias propaladas pela imprensa impraticável. Portanto,

Os jornais preferem manter o discurso de objetividade e os leitores, mesmo sabendo que os veículos de comunicação fazem escolhas seletivas e não podem noticiar todo o universo de acontecimentos, confiam em sua capacidade de decidir o que tem importância suficiente para virar notícia. Isso não significa que a imprensa mente – embora alguns jornalistas o façam – mas que simplesmente não há ‘verdade’ a ser transmitida, apenas relatos (CERQUEIRA, 2005, p.29).

A força dos interesses das classes política e econômica, no contexto de uma imprensa alienada determina que informações devem ser noticiadas, o que desvia a pauta noticiável de assuntos que realmente interessariam o público fazendo com que a imprensa proceda a cortes que concedem mais importância a alguns assuntos em detrimento de outros – *quicá* mais interessantes para o público. "A permanência de determinados temas e enfoques na pauta dos veículos de comunicação tem um efeito bastante conhecido sobre

a sociedade: o de influenciar o interesse e a preocupação do público em relação a esses temas. Esse efeito é conhecido como *agenda setting*" (CERQUEIRA, 2005, p.29).

Neste contexto, os relatos dos jornais pesquisados dão conta de incursões dos terroristas e dos crimes por eles perpetrados, desde assassinatos por decapitação, incêndio de habitações das populações, roubos de bens da população e ações de recrutamento. Em paralelo a isto, relatam ações combativas das FDS (exército e a polícia) e as posições assumidas pelas autoridades máximas da hierarquia do poder político nacional, tornadas públicas através de discursos do Presidente da República, Ministros da defesa, Ministro do Interior e do Comandante Geral da Polícia da República de Moçambique.

Apesar de a imprensa estatal trazer a ideia da heroicidade das FDS, que em certas ocasiões, no teatro das operações é incontestável, alguma imprensa privada aponta para uma relativa incapacidade das FDS. Depois dos ataques terroristas aos distritos de Mocimboa da Praia e Palma, o período que se seguiu foi marcado por discursos do Presidente da República (Filipe Jacinto Nyusi), do Ministro do Interior (Jaime Basílio Monteiro) e da Defesa Nacional (Atanásio Salvador M'tumuke).

Para além de uma frequente presença física do Presidente da República no teatro de operações de Cabo Delgado, tudo com cobertura da imprensa, com destaque para o jornal Notícias e Jornal domingo, o Presidente da República, procurava, em seus discursos, denunciar o terrorismo e incentivar as FDS, denunciar os mandantes e financiadores do terrorismo em Cabo Delgado. "São moçambicanos residentes na cidade da Beira que, descontentes por ter sido interrompida a exploração ilegal de madeira, a que se dedicavam, optaram em aliciarem jovens para os atos terroristas em Cabo Delgado"²¹. Por conta disso, as FDS foram instadas a não permitir que nenhum moçambicano fosse assassinado. Este evento, portanto, o de aliciamento de jovens à violência armada contra populações indefesas por parte de empresários descontentes constitui um obstáculo à consolidação do Estado de Direito Democrático. A ele juntam-se outros como: "o uso das TIC (Tecnologias de Informação e comunicação) por vezes, para fins antipatrióticos e o

²¹ Jornal domingo, 19 de agosto de 2019.

surgimento de grupos radicais, o crime organizado e transnacional, e outros que tornam o ambiente político e de segurança cada vez mais volátil"²².

Depois do ataque a Palma, o Ministro do Interior, por seu turno, dava conta de uma atmosfera de esperança garantindo a existência de capacidade combativa no seio das FDS, dando, também, garantia de proteção dos trabalhadores e das empresas envolvidas no projeto de extração do gás como das populações: "as FDS estão a trabalhar com afinco para que atos idênticos não voltem a acontecer. Temos convicção de que consolidaremos o ambiente de segurança, não apenas nos acampamentos, mas também nos locais de trabalho destas empresas e outras conexas"²³.

Para Atanásio Salvador M'tumuke, Ministro da Defesa Nacional, de acordo com o jornal notícias (07/08/2018) "os ataques de grupos armados em localidades e distritos da província de Cabo Delgado constituem uma grave afronta ao Estado moçambicano, desrespeitando o poder legitimamente instaurado. Contudo, as Forças de Defesa e Segurança têm a situação controlada".

A imprensa pública, provavelmente por ser fortemente controlada pelo Estado sendo este seu patrono, deixava a impressão de que apesar dos ataques os trabalhos de extração do gás natural continuariam e não seriam abalados, afirmando que, "os ataques protagonizados por homens armados em alguns distritos a Norte de Cabo Delgado, incluindo Palma, não vão afetar o calendário da implementação do projeto de construção das plantas de processamento do gás natural na bacia do Rovuma, cujo consórcio é liderado pela Anadarko"²⁴.

Todavia, as informações sobre baixas nas FDS continuavam a não merecer a devida atenção da imprensa oficial, como por exemplo, as que davam conta do assalto seguido de assassinato de dois militares e um civil, e roubo de uma metralhadora no posto administrativo de Muconjo, distrito de Macomia, informação tornada pública pelo jornal

²² Jornal domingo, 27 de janeiro de 2019.

²³ Jornal domingo, 24 fevereiro 2017.

²⁴ Jornal domingo, 03 fevereiro 2017.

Canal de Moçambique (07/08/2019). Esta informação fora selecionada e excluída na imprensa oficial, pois, segundo o mesmo jornal, pelo fato de os distritos de Pangane e Quiterajo, em Macomia, serem frequentemente atacados pelos terroristas, o que desmente a narrativa governamental de que a situação está controlada, "o chefe do posto administrativo de Muconjo e o administrador de Mcomia receberam ordens para não falarem publicamente sobre o sucedido". Portanto, enquanto a imprensa pública expressa o controle e a capacidade combativa das FDS de rechaçar e debelar o terrorismo, a imprensa privada caminhava na dimensão contrária expressando a falta de controle das FDS um pouco por todos distritos de Palma, Nangande, e Mocimboa da Praia.

Outro dado importante é que apesar de o porta-voz da Polícia da República de Moçambique ter aparecido em público informando que o grupo terrorista que decapitara 10 pessoas na aldeia de Monjane, no dia 25 de junho, no distrito de Palma estava fragilizado e desesperado, ele voltou a fazer vítimas, matando, por decapitação, mais de 10 pessoas de sexo masculino, na aldeia de Naunde, posto administrativo de Muconjo, distrito de Macomia, "não obstante as autoridades responsáveis pelas FDS continuarem com a narrativa de que a situação está sob controle, a realidade no terreno mostra o contrário, com indicações de que as forças de defesa e segurança não estão a conseguir conter as ações dos homens armados." (SAVANA, 01/02/2019).

Conclusões

Nosso desafio neste artigo era o de compreender o conflito em Cabo Delgado na perspectiva das guerras híbridas tendo em conta a sua característica de uso de meios convencionais e não convencionais. Porém, apesar da falta de consenso se as guerras híbridas consubstanciariam guerra na perspectiva Clausewitziana dada a inexistência de dialética com o uso de meios alternativos de projeção de poder adicionando-se ao uso de meios cibernéticos que colocam uma dubiedade na existência de violência direta.

Nossa conclusão aponta para a afirmação de que o fenômeno vivenciado em Cabo Delgado afigura-se como guerra híbrida, pois, o fim último é a ocorrência de violência e destruição de bens e infraestrutura como tem sido recorrente. Por outro lado, o recurso à

manipulação de fatores culturais e religiosos com reflexo direto na radicalização das populações leva-nos a mais uma vez a um sentimento de se tratar de uma guerra-híbrida.

Pelas características, recurso ao terrorismo, uso da internet – redes sociais (Twitter, facebook, WhatsApp e outras) e relatos da imprensa, em um contexto geopolítico, geoestratégico e geoeconômico bem localiza (região costeira de Cabo Delgado), com conexões internacionais, sem rosto devidamente identificado podemos, nossa presunção nos leva a acreditar que sim, Moçambique está sendo vítima de um conflito no contexto das guerras híbridas. Todavia, aceitamos a hipótese da violência estrutural que causa muito descontentamento entre as populações com maior destaque para os jovens o que tem favorecido a fácil manipulação e radicalização social bem como a adesão e mobilização ao terrorismo.

Ora, o fato de o suposto "despertar de consciência" das populações, particularmente de jovens, para a oposição ao poder *hodierno* através da radicalização aparecer ligada a vontades exteriores por intermédio de agentes clandestinos sem visibilidade, não inocenta o governo de sua responsabilidade de tomar ações administrativas e de gestão pública que resvalam na violência estrutural suscetível de massificar o descontentamento populacional com maior incidência na juventude levando-a a aderir à insurgência.

A maioria dos cidadãos nacionais têm sido vítimas de uma violência estrutural caracterizada por desigualdade de oportunidades e exclusão social. As instituições existentes em Moçambique, infelizmente, garantem, mantêm e protegem interesses de poucos – que controlam o sistema político – a pequena burguesia política formada após a independência nacional –, em detrimento de uma larga maioria da população. Este modo de atuação governamental leva a uma desmotivação total da franja da população espoliada e ao descrédito do poder político vigente.

A partidarização das oportunidades no emprego, na formação acadêmica (com prioridades sempre reservadas para membros e parentes de cidadãos ligados ao partido no poder e antigos combatentes) associada ao nepotismo, clientelismo e corrupção, males que colocam grupos numerosos de cidadãos numa situação de desespero e insatisfação

são apontados como outro problema que está também na vanguarda de práticas governativas nocivas à coesão social, política por promoverem a exclusão econômica, social e política.

Trata-se de uma política genocida e *necropolítica* que condena parte de cidadãos a marginalização e morte, uma vez esquecidos pela superestrutura governativa na distribuição de recursos e oportunidades, o que os torna presas fáceis à manipulação a favor das falsas promessas de emprego com salários inimagináveis, bolsas de estudo no estrangeiro e, na sua condição de necessitados e marginalizados, se tornam diminutas as suas capacidades de avaliar a exequibilidade de tais promessas.

A pobreza absoluta entre as populações de Cabo Delgado, sobretudo entre jovens²⁵, falta de emprego, para esse grupo que já é fracamente instruído e sem preparação profissional é apontado como fatores de desânimo, desmoralização e perda de confiança das populações com as autoridades governamentais, o que os leva a fácil manipulação e consequente radicalização. Estas narrativas têm sido apontadas como fatores de favoritismo, de fácil manipulação e de rápida radicalização dos jovens e consequente aderência ao extremismo insurgente.

Este cenário de marginalização e *necropolítica* sempre esteve presente desde a inauguração da segunda república, com o advento da democratização multipartidária do país – quando a democracia no lugar de promover mais igualdade agravou as desigualdades. A corrupção, o nepotismo e demais males sociais e políticos passaram a caracterizar o Estado moçambicano, fato que nos leva a questionar: por que só agora com o processo de extração de recursos em Cabo Delgado eclode o conflito terrorista? Se as desigualdades sociais, políticas e econômicas já se arrastam há muito tempo. Será a famigerada maldição dos recursos uma vez que, Moçambique de um dos países mais pobres do mundo se preparava para adentrar no clube dos grandes *players* internacionais e com expressão em negociações, sobretudo no que toca a comercialização de recursos

²⁵ Com inúmeros recursos naturais, desde pedras preciosas, madeira e gás natural, a Província de Cabodelgado figura como uma das mais pobre do país com a segunda maior taxa de desnutrição, analfabetismo e de pobreza multidimensional a nível do país.

energéticos de grande e importante valor estratégico e econômico como o gás natural e o petróleo? Estas são algumas questões de reflexão que nos colocam. Porém, a sua resposta não cabe neste artigo, pois mais do que tecer respostas, cairíamos na traição totalitarista e absolutista, já que apenas problematizamos o fenômeno cotejando aproximações com as características das guerras híbridas.

Aliás, os protagonistas ou interessados neste tipo de conflito, que sempre são de proveniência externa agem na invisibilidade, exploram as vulnerabilidades com o intuito de opor as populações às autoridades, criam uma desestabilização – instalando insegurança entre as populações com o objetivo de inviabilizar projetos de desenvolvimento e satisfazer os seus interesses geopolíticos, geoestratégicos e geoeconômicos.

Tendo em consideração que no mundo em que vivemos de globalização os assuntos de defesa e segurança demandam esforços comuns entre as nações, Moçambique aceitou o apoio dos países membros da *Southern Africa Development Community* (SADC) pois, neste ambiente de acelerada globalização e de problemas comuns corroboramos com Howana (1995, p.564), "os Estados já não podem garantir a segurança dos seus cidadãos através de medidas militares unilaterais. A segurança nacional constrói-se com, e não contra, os outros Estados".

No entanto, parece fundamental considerar que, paralelamente à medidas militares em curso que estão dando resultados positivos, verificando-se no teatro das operação uma redução da ação dos terroristas, embora ataques esporádicos têm sido reportados, uma vez que neste tipo de conflitos nunca se alcança uma vitória absoluta é preciso que o governo comece a perceber a necessidade e urgência de aplicar políticas de inclusão visando combater a exclusão social. Deve investir mais em políticas públicas e sociais como educação, saúde, emprego e infraestrutura. Deve adoptar medidas políticas que visam combater energicamente a corrupção, nepotismo e clientelismo, por conseguinte alargar a base da pirâmide de oportunidades para todos os cidadãos, independentemente da sua cor partidária, religioso, proveniência e demais adjetivos estereotipados que prejudicam grandemente a configuração social e a confiança da

sociedade com o seu governo. Portanto, no lugar de travar uma guerra contra o terrorismo em Cabo Delgado, as maiores armas que o governo deve empregar contra o mesmo são investimentos sociais, inclusão social e integração de grupos marginalizados.

Referências:

1. ACEMOGLU, Dron; ROBINSON, James A. Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty, Profile Books, 2013.
2. Lind et Al. 1989; Aquilla and Ronfeldt 2001 *apud* ALVES, B W; Macedo, B V. de & ROAHNY, L. O que é "guerra híbrida?" Notas para o estudo de formas complexas de interferência externa. Revista Brasileira de Estudos de Defesa, 2022; 9 (1). (pp. 229-254), p.229.
3. BAUMAN, Zygmunt. Estranhos à nossa porta, Zahar, 2016.
4. BARGUÉS, Pol; BOUREKBA, Moussa; COLOMINA (eds.), Carme. Amenazas Híbridas, Orden vulnerable, CIDOB REPORT #08, Barcelona Centre for International affairs, Setiembre 2022, ISSN:2564-9078.
5. CHICHAVA, Sérgio. Quem é o "inimigo" que ataca Cabo Delgado? Breve apresentação das hipóteses do Governo moçambicano, Boletim N°17, IESE, 2020.
6. CERQUEIRA, Rodrigo. Diários do Príncipe: a Imprensa e a política externa no governo Cardoso, Rio de Janeiro, 2005 – Dissertação de Mestrado.
7. FERNANDES, Mauro Silva da. "Revoluções Coloridas": "gritos" para as câmeras, hashtag alegria, alegria, das "sombras" golpeamos a democracia, 2022, Research, Society, and Development, v.11, n.8, e39011831135, 2022 (CCBY 4.0), ISSN 2525-34-09, DOI:http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i8.3113.
8. Habibe, Saide; Forquilha, Salvador; Pereira, João. "Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique: O Caso de Mocimboa da Praia", cadernos IESE, 2019.
9. [https://en.wikipedia.org/wiki/Psychological_operations_\(United_States\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Psychological_operations_(United_States)), acesso em 12/09/2022.
10. GOMES, Paulo Henrique Miranda; ALVES, Vágner Camilo. Clausewitz, a Ciberguerra e a Guerra Russo – Georgiana. In Ver. Carta Inter., Belo Horizonte, V.15, n°3, 2020, p.232 – 254.

11. HONWANA, João. Reflexões sobre defesa, segurança e democracia em Moçambique in MAZULA, Brazão, MACHILI, Carlos & MAIA, Juarez de (1995). Moçambique: Eleições, Democracia e Desenvolvimento; Primeira Edição.
12. JANUÁRIO, Rui; GAMEIRO, Antônio. Globalização e a Geopolítica Internacional, Escolar Editora, 2016.
13. KORYBKO, Andrew. Hibrid Wars: the indirect adaptative aproch to regime change, Moscow, 2015.
14. MENDES, Flávio Pedroso. Guerra, Guerrilha e terrorismo: uma Proposta de Separação Analítica a partir da Teoria da Guerra de Clausewitz, in Carta Internacional, Publicação da Associação Brasileira de Relações Internacionais, Vol.9, nº9, jul. dez. 2014 (p.96 a 108).
15. VIANNA, G. S. Miséria Social, Gás Natural, Rubis e Drogas: As Fontes da insurgência Islâmica na Província de Cabo Delgado em Moçambique, Centro de Estudos Estratégicos Marechal Cordeiro de Farias, ISSN 2595-9212, 2021.
16. WEIMER, Bernhard. Vampiros, Jihadistas e Violência Estrutural em Moçambique: Reflexões sobre Manifestações Violentas de Descontentamento Local e suas Implicações para a Construção da Paz, Cadernos IESE, 2020.
17. Jornal domingo, 03/02/2017, 24/02/2017, 19/01/ 2019, 27/08/ 2019, 27/01/2019.
18. Jornal de canal de Moçambique, 07/08/2019.
19. Jornal Notícias, 21/04/2018, 11/05/2018, 09/06/2018, 04/10/2018, 24/10/2018, 29/12/2018.
20. Jornal O País, 24/05/2018, 29/06/2018, 04/11/2018, 20/11/2018.
21. Jornal SAVANA, 01/02/2019, 01/06/2018,01/09/2018,05/10/2018, 04/10/2019, 01/11/2019.